

Nascido em Montevideú em 18 de maio de 1882, Félix Peyrallo foi um destacado músico uruguaio, falecido na mesma cidade em 8 de abril de 1933. Atuante na vida intelectual de sua época, foi aluno de Luis Sambucetti (1880 – 1926), dirigiu distintas sociedades orquestrais e publicou com frequência em revistas culturais. Atuou na direção do coro do Centro Enciclopédico, instituição responsável também pela publicação de uma revista com o mesmo nome, em que Peyrallo foi editor e publicou artigos regularmente. Seus textos articulam discussões entre a música e a teosofia, criticando a cultura e a sociedade moderna, defendendo o ensino musical como resposta moral ao materialismo. Nesta comunicação, através do pensamento de Félix Peyrallo, apresentaremos uma discussão a respeito da relação entre a música, teosofia e suas implicações políticas. Nas primeiras décadas do século XX a educação pela arte passou a ser defendida por muitos intelectuais como formadora de civilidade. No Uruguai, assim como em outros lugares, o canto coral teve uma centralidade nessa educação sensível para as multidões. Em seus textos, Félix Peyrallo demonstrava uma profunda fé na arte como promotora de uma evolução de ordem moral. Além disso, manifestavam a presença do pensamento ariologista uruguaio em que a arte estaria encarregada de exaltar valores etéreos, opostos ao materialismo, que na visão dele, seria fruto da modernidade. Defende a ideia de que a arte deve ser um elemento de coesão extremamente necessário à democracia, que para ele nada mais seria do que a forma de governo em que cada um encontra o seu lugar entre as partes. As opiniões, critérios individuais e as ásperas discussões são atitudes completamente opostas daquelas promovidas pelo funcionamento de uma agrupação coral. Para Peyrallo, literalmente a humanidade seria um grande organismo constituído por células-homens. O canto coral promoveria um sentimento em que cada um é uma célula viva do conjunto de um corpo orgânico, uma sociedade hierárquica, mas completamente irmanada, aproximando-o de uma estetização da arte em ascensão no período. Nesses termos que Félix Peyrallo considerava o canto coral a mais alta expressão artística, promovido pelas sociedades mais avançadas culturalmente, como possibilidade de evolução psíquica que garantiria também uma evolução de ordem moral, pois seria signo político de uma sociedade que permitiria uma relação com a arte que iria além da simples fruição ou ilustração intelectual. O coração, a emotividade seriam a chave política para a realização artística dessa sociedade, cuja responsabilidade seria relegada aos intelectuais e artistas em trazer ao público a “boa” arte, moralmente e politicamente.